

A tomada de consciência de um mundo compartilhado¹

Sílvia Regina Guadagnini ²

Este texto tem como objetivo abordar como as ciências, a filosofia e as artes vêm construindo um desvio no pensamento de enfoque antropocêntrico para um pensamento que rompe as fronteiras entre naturezas e culturas, estendendo-se para a importância da relação e da comunicação interespecies. Autores como Donna Haraway, Bruno Latour, Deborah Danowsky e Eduardo Viveiro de Castro, assim como, artistas contemporâneos e que atuam com bioarte contribuem na construção de formas de despertar reflexões e propor práticas baseadas em um pensamento ecossistêmico. A relevância do presente texto está na importância da tomada de consciência de um mundo compartilhado como um dos caminhos para a construção de narrativas de futuros, a partir do cenário atual do Antropoceno.

O século XXI propõe cenários de ficção científica como pano de fundo para o cotidiano dos humanos no planeta Terra. O clima extremamente instável e imprevisível, coloca os humanos em contato com a previsão de um futuro de tragédias climáticas, e em confronto direto com as forças de uma natureza implacável.

As chuvas que ocorreram no Rio Grande do Sul, em maio de 2024, podem ser entendidas como um evento climático extremo, de dimensões catastróficas que abalou as estruturas do Estado. Esses eventos climáticos se tornarão cada vez mais frequentes no Antropoceno.

O termo Antropoceno está sendo utilizado para descrever uma nova era geológica após o Holoceno. Esse novo período é apontado como resultado da interferência humana no sistema do planeta.

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático A - Arte em eventos climáticos extremos, Painel Temático, do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 4 a 6 de dezembro de 2024.

² Doutoranda, em Artes Visuais pela UNICAMP, orientadora: Prof.^a Maria José de Azevedo Marcondes. Mestra em Artes Visuais pela UDESC. Graduada em Gestão Ambiental pela UNIP e graduada em Educação Artística pela UNESP. É docente na Universidade Paulista, UNIP, nos cursos de Design Gráfico e Publicidade e Propaganda. E-mail: silvianini@uol.com.br

Para Donna Haraway (2016, p. 140), o termo Antropoceno é considerado mais como um evento limite do que uma era geológica, um período que representa eventos extremos que causarão discontinuidades graves e marcarão assim, a mudança para uma nova era. Andreas Malm, Jason Moore e Donna Haraway têm utilizado o termo Capitaloceno por entenderem o capitalismo como o sistema que rege a destruição da natureza.

As ciências foram as primeiras a tratar sobre o tema do Antropoceno, em seguida, o termo vem sendo pensado pelas ciências humanas e pelas artes, no intuito de compreender e tecer possibilidades de futuros. Filósofos, autores e artistas vêm discorrendo através de ficções e cosmologias sobre a origem, o meio e os possíveis “fins de mundo” ou “fim do mundo dos humanos” (DANOWSKY; DE CASTRO, 2014).

A construção desses possíveis futuros considera muitas vezes, outras vozes, humanas e não humanas, abordando a questão do compartilhamento, do mundo tecnocientífico, da comunicação e relação interespecie buscando romper as fronteiras entre naturezas e culturas. Para Haraway (2021), o trabalho das espécies companheiras é coabitar uma história ativa, sendo “a relação” a menor unidade possível de análise.

A relação com os outros seres molda quem somos e pode ser a concepção de comunicação com o mundo. Assim, a comunicação interespecie requer dos humanos um olhar para o outro, como um ato de respeito. Esse olhar requer percepções e habilidades que os povos regidos pelo capitalismo perderam ou delegaram aos aparatos tecnológicos durante a jornada cultural pela especialização, classificação e remodelamento do mundo sob a ótica humana moderna. Estamos impregnados pela visão e pela palavra, perdendo nossos já limitados sentidos e capacidades corporais de nos comunicar com outras espécies através de, por exemplo, o olhar. Segundo Haraway (2022, p. 42), a verdade ou honestidade da comunicação não linguística dos corpos que interagem em proximidade, depende de devolver o olhar.

Povos originários mais conectados com os ciclos da terra podem estar mais próximos da concepção de comunicação e respeito com o planeta, por considerar todas as entidades naturais. Krenak fala sobre a interação e comunicação de seu povo com os rios:

“Esse nosso rio-avô, chamado pelos brancos de rio Doce, cujas águas correm a menos de um quilômetro do quintal de minha casa, canta. Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostamos de agradecê-lo, porque ele nos dá comida e essa

“água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência” (KRENAK, 2022, p. 14).

Na 34ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2021, a bióloga, arte educadora e artista visual indígena que assumiu artisticamente a persona de Uýra Sodoma como identidade de comunicação, apresentou a série de dez fotos da performance “Retomada”. Nessa série, a artista coloca-se como um ser híbrido, entre humano, animal e planta, numa junção entre arte, ciência e conhecimentos ancestrais, tornando-se a representação de uma voz para as espécies da natureza e para os indivíduos que sofrem com as consequências de um sistema que coloniza, explora, oprime e silencia muitos grupos de indivíduos. A série de fotos “Retomada” mostra a resiliência das plantas pioneiras que buscam retomar o espaço que já lhes pertenceu, crescendo em frestas, fendas e muros, resistindo e existindo, fazendo assim, uma analogia com as resiliências das populações periféricas, LGBTQIAPN+ e socialmente mais oprimidas (RAHE, 2021).

A artista torna-se a representação de uma entidade de comunicação interespecies, a “voz” de outros seres, entre mundos. Uýra utiliza elementos naturais para compor suas vestimentas, realizando performances com registros fotográficos muito potentes. A entidade Uýra personifica a visualidade de um diálogo entre humanos e não humanos num mesmo ser.

A arte tem um papel importante ao despertar reflexões, criar práticas e proporcionar desvios do olhar. Ao fazer o olhar sair do eixo antropocêntrico, deslocado da visão moderna da excepcionalidade do homem (LATOURETTE, 1994), a arte pode auxiliar no despertar de uma tomada de consciência de que os humanos não estão sozinhos por aqui. Uma tomada de consciência de um mundo compartilhado.

Um mundo compartilhado, mas beirando a solidão humana. O planeta está vivenciando uma grande perda de biodiversidade com a dizimação e o silenciamento de outros povos, espécies e ecossistemas em nome de uma cultura baseada na extração e acumulação desigual de recursos.

Em biologia e ecologia as relações interespecies, ocorrem na interação entre dois ou mais indivíduos de espécies diferentes e podem ocorrer de forma desarmônica ou harmônica. O capitalismo coloca os humanos em uma relação de constante desarmonia com o outro, competindo, predando e parasitando vidas e recursos. Existe a opção de interagir de forma harmônica em cooperação interespecífica e com o meio. Seria urgente rever sistemas, práticas e formas de viver.

A arte pode ser uma forma de propor mudanças, despertar reflexões, operar sobre sistemas e sugerir novas práticas. Relembrando o trabalho “Restauro”, do artista brasileiro Jorge Menna Barreto, apresentado na 32ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2016, no qual o restaurante da Bienal foi ocupado pela obra, que propôs uma “escultura ambiental”, a partir da relação entre hábitos alimentares de consumo e de práticas de produção agroflorestais. A forma como produzimos o alimento e o que comemos impacta o planeta. A obra “Restauro” induziu o consumo de espécies vegetais produzidas pelos sistemas agroflorestais, que são sistemas sustentáveis de produção para recuperar solo e a biodiversidade. Assim, a obra tornou-se um mecanismo temporário de mudança de práticas de consumo, de alteração da paisagem e de formas de produção de espécies vegetais (BIENAL DE SÃO PAULO, 2016, p. 208). Junto com a implantação do projeto “Restauro”, foram produzidos áudios, gravados por Marcelo Wasem. As gravações feitas em ambientes de monoculturas, como canaviais, impactaram pelo silêncio. Ao destruir ecossistemas e aniquilar espécies através do uso intenso de agrotóxicos e de manejo agressivo do solo, as monoculturas silenciaram os ambientes. O silêncio contrasta com os áudios feitos em ambientes florestais, nos quais ouvia-se os ruídos da floresta, gerados por insetos, anfíbios, pássaros e outros animais.

O som é uma forma de percebermos a presença de não humanos num ambiente, mas nosso espectro de captação sonora é limitado, assim como nossa visão e olfato, e não podemos confiar em nossa percepção e sentidos para abarcar a compreensão da complexidade de um ecossistema.

O modelo humano de ideia de vida complexa e inteligente corresponde ao modelo de vida animal, por isso, consideramos outros seres, com estruturas organizacionais diferentes, como as plantas, por exemplo, como passivas e não cognitivas, com sua organização morfológica baseada na descentralização, distribuindo por todo o corpo as funções que os animais concentram em órgãos (MANCUSO, 2019, p. 95 e 96).

Nas plantas, o sistema radicular é uma rede física e pode ser comparado a uma espécie de cérebro coletivo ou inteligência distribuída. Além disso, estudos sobre o comportamento de grupos, tanto de plantas quanto de outros organismos vivos indicam que existem princípios gerais que governam a organização desses grupos indicando a presença de uma inteligência coletiva (MANCUSO, 2019, p. 110).

A obra de bioarte “Boreal Intelligence” desenvolvida pela dupla de artistas Cesar&Lois³, foi instalada numa floresta boreal na Finlândia e apresentada no Ars Electronica 2023⁴. “Boreal Intelligence” externaliza a inteligência e a complexidade de comunicação dos sistemas vivos de uma floresta, auxiliando na tomada de consciência de um mundo compartilhado.

O trabalho é uma intervenção na floresta, composto por esculturas tecnológicas em forma de casulos em acrílico que possuem na parte interna um sistema orientado por inteligência artificial. Esses casulos são conectados aos seres não humanos da floresta como árvores, fungos, musgos e líquens, a partir do solo, para assim, captar a atividade bioquímica deles e transformá-la em pulsos bioelétricos, recodificando-os em sinais luminosos (BAIO; SOLOMON, 2024).

Toda atividade bioquímica da floresta captada pela obra mostra os diferentes ritmos de pulsação de cada ser e como esses seres respondem uns aos outros e às variações de condições externas, gerando uma sinfonia luminosa e silenciosa. A obra consegue externar que toda essa relação de biocomplexidade de comunicação e “inteligência florestal” pode ser estudada e compreendida pelos humanos, mas não consegue ser captada por seus sentidos por causa da dinâmica de emissão de sinais e pela complexidade e amplitude da escala de tempo e de dados (BAIO; SOLOMON, 2024).

A arte pode ser um auxílio na mudança de foco da visão antropocêntrica para uma visão que rompe as diferenças entre naturezas e culturas, mais compatível com uma rede ecossistêmica e interespecies, dentro de uma lógica relacional, estabelecendo práticas aliadas à tomada de consciência de um mundo compartilhado, gerando caminhos para tecermos a construção de futuros possíveis.

Palavras-chave

Interespécie; bioarte; comunicação; antropoceno; inteligência artificial.

³ Cesar Baio, UNICAMP, Departamento de Mídias, Brasil e Lucy HG. Solomon, CSUSM, Department of Art, Media and Design, EUA. (cesarandlois.org)

⁴ “Boreal Intelligence” foi apresentada no Ars Electronica 2023, *More-than-Planet Lab* e no *Northern Photography Centre em Oulu*, Finlândia, em 2024.

Referências

BAIO, Cesar; SOLOMON, Lucy, H.G. Boreal Intelligence. **Ciclo de Debates: Extremidades, linguagens, mundos.** [online] 2024. Disponível em: https://extremidades.art/x/ciclobates2024/wp-content/uploads/sites/23/2024/07/CR2024_Boreal_Intelligence-Cesar-Lois-revised-submission.pdf Acesso em: 11 de out. 2024.

BIENAL DE SÃO PAULO. **Catálogo de 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva, 2016.** São Paulo: Bienal São Paulo, 2016. Disponível em: Acesso em: 05 de out. 2024.

DANOWSKI, Deborah; DE CASTRO, Eduardo Viveiros. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2014.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram.** Tradução: Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. **Manifesto das espécies companheiras:** cachorros, pessoas e alteridades significativas. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Tradução: Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/> Acesso em: 01 de out. 2024.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas.** Tradução: Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

RAHE, Nina. Uýra Sodoma: a cobra das águas amazônicas diante da degradação ambiental. **Revista Select_Celeste.** [Online]. 23/02/2021. Disponível em: <https://select.art.br/uyra-sodoma-a-cobra-das-aguas-amazonicas-diante-da-degradacao-ambiental/> Acesso em: 29 de set. 2024.